

## O desenvolvimento urbano de Areia/PB: contribuição aos estudos de morfologia e história urbana no Brasil

### Fernando Diniz Moreira

Arquiteto, Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco, Rua Gal. Americano Freire, nº 562, ap. 101 - Boa Viagem - Recife/PE, CEP: 51.021-120, fones: (81) 3327-8839 - (81) 9911-4889, e-mail: fmoreira@hotmail.com.br

### Carla Gisele M. Santos Martins Moraes

Arquiteta e urbanista, Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, Rua Professor Agnelo Bittencourt, nº 334 - Centro - Boa Vista/RR CEP:69.301-430, fones: (95) 3624-3284 - (95) 8118-0857, e-mail: carla\_gi@hotmail.com

### Resumo

Este artigo estuda o processo de formação e crescimento urbano de Areia, Paraíba, entre os séculos XVIII e XX, sob a perspectiva teórica da Morfologia Urbana. Defendemos que o desenvolvimento de Areia, cidade periférica, pequena e pouco mencionada nos estudos urbanos coloniais, se assemelha a outros núcleos surgidos na mesma época pela morfologia do sítio de implantação, pela origem a partir do caminho ou da união de pólos dispersos, ou ainda, pela exclusão econômica da rede interurbana regional. Essas analogias ratificam a importância de inserir Areia no universo de casos semelhantes comumente examinados pelos historiadores da cidade brasileira.

*Palavras-chave:* morfologia urbana, desenvolvimento urbano, história urbana.

### Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) da Universidade Federal de Pernambuco acerca da gênese e desenvolvimento urbano da cidade de Areia, no Brejo da Paraíba, com foco na forma urbana e no ambiente construído<sup>1</sup>. A pesquisa teve como finalidade identificar, no contexto de ocupação do sítio nos séculos XVIII, XIX e XX, o papel dos elementos urbanos e da geografia para a forma, o crescimento urbano e o traçado de Areia. Como resultado, pretendeu-se precisar o lugar de Areia frente à historiografia da cidade brasileira e demonstrar como a sua forma atual foi resultante de sucessivos processos de acumulação de tecidos, logradouros e edifícios e encontra

correspondência em formas e processos urbanos análogos no Brasil.

As especificidades da implantação, do traçado urbano e da arquitetura de Areia motivaram nossa análise, já que devido à decadência econômica, seu desenvolvimento urbano foi estancado, permitindo que fosse conservada sua fisionomia urbana oitocentista. Seu processo de crescimento e urbanização, em grande parte efetuado entre o final do século XVIII e meados do século XIX, conservou as práticas urbanísticas do período colonial. A cidade não sofreu reflexos da política de criação de núcleos urbanos planejados em voga no Brasil no século XVIII, por se tratar de uma região em que não havia um interesse estratégico tão presente naquele período em relação a outras partes da Colônia.

<sup>1</sup> Os resultados da pesquisa desenvolvida estão na Dissertação intitulada "Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano (séculos XVIII, XIX e XX)", de autoria de Carla Gisele Macedo S. M. Moraes, sob a orientação do Prof. Ph.D. Fernando Diniz Moreira, defendida em 2008 no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (MDU-UFPE).

No tocante à sua forma, destacamos a semelhança com outras cidades implantadas no Brasil, como os arraiais de Minas Gerais, surgidos da exploração do ouro, e as cidades nascidas dos caminhos e estradas de penetração no interior do território brasileiro. Esses aspectos reforçam a necessidade de inserir Areia no universo de estudos urbanos coloniais, já que a cidade praticamente não é mencionada nos estudos historiográficos nacionais, não obstante as particularidades de sua forma e de sua dinâmica de crescimento urbano. No contexto regional, também há carência de estudos sobre núcleos urbanos do interior paraibano, principalmente nos primeiros séculos de ocupação e a maior parte dos trabalhos aborda o desenvolvimento da capital e a política paraibana, concentrando-se no século XX.

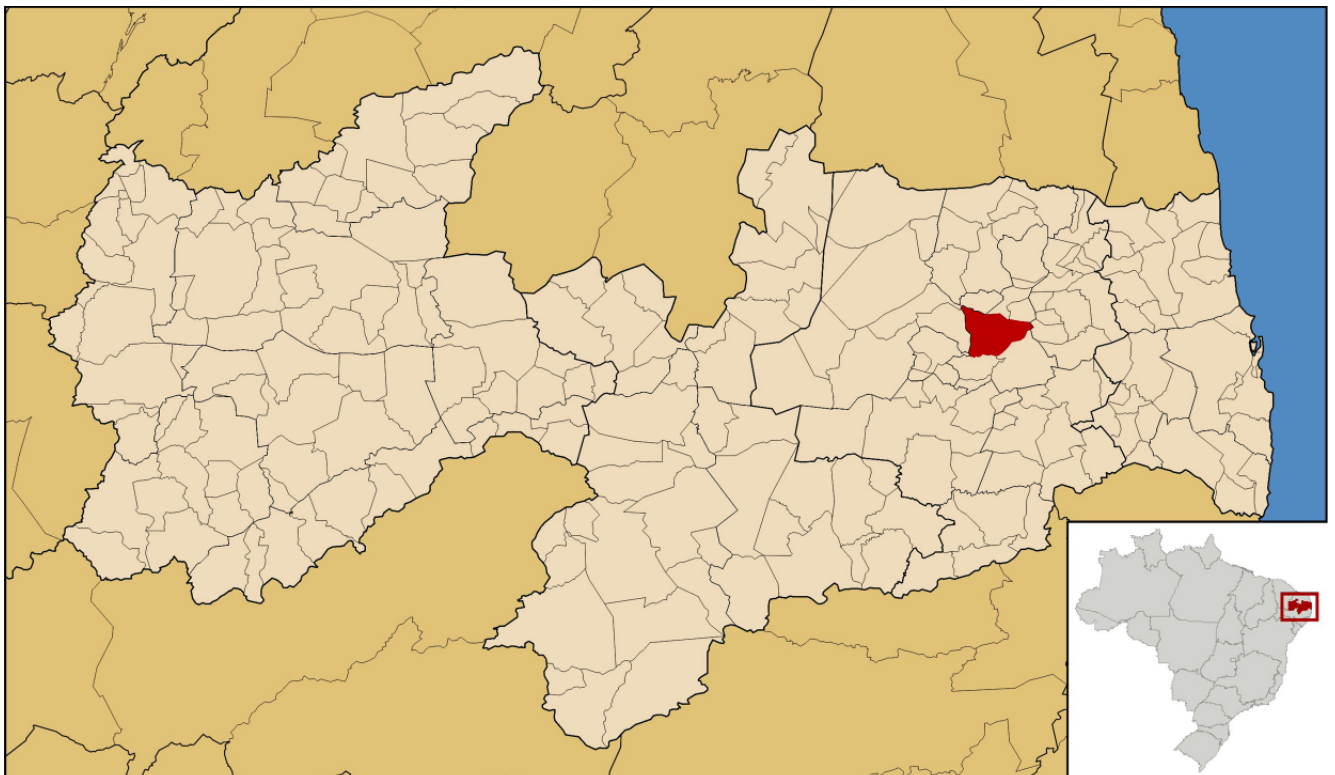
Na bibliografia sobre Areia não existem referências sobre o processo de crescimento e a configuração do traçado urbano, tampouco acerca da relação entre a história da cidade e a configuração de sua morfologia.

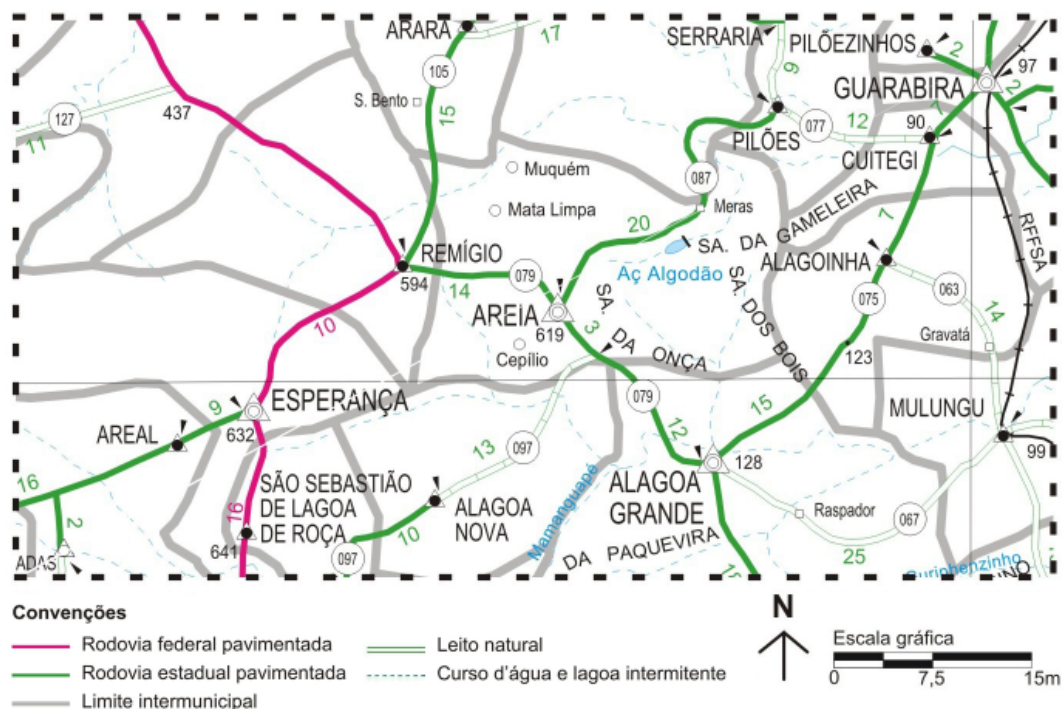
A presente abordagem procura, portanto, contribuir para os estudos sobre a morfologia e a história das cidades da Paraíba, desvendando a forma do ambiente construído em Areia num intervalo temporal pouco explorado por pesquisadores.

### Formação e desenvolvimento de Areia: breve contextualização

A cidade de Areia se localiza no Brejo da Paraíba, a 122,5km da capital João Pessoa e está implantada sobre o relevo escarpado da serra da Borborema (figuras 1 e 2), a cerca de 600 metros de altitude. Limita-se geograficamente com os municípios de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Alagoinha, Pilões, Remígio, Serraria e Arara e ocupa uma área de 269km<sup>2</sup> (IBGE, 2009). É abastecida pelos rios da bacia do Mamanguape (FIÚZA *et al.*, 1998, p.17), possui clima ameno, bastante úmido no inverno, com temperatura variável entre 15°C e 30°C (IBGE, 1960, p.194).

**Figura 1:** Mapa de localização de Areia, no Brejo da Paraíba. Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes retirado de Homepage da Wikipedia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paraiba\\_Municip\\_Areia.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paraiba_Municip_Areia.svg)>. Acesso em 18 jul. 2009.





**Figura 2:** Detalhe da inserção na malha rodo-ferroviária da Paraíba. Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes retirado de Homepage do DNIT. Disponível em: <<http://www.transportes.gov.br/bit/estados/port/pb.htm>>. Acesso em 18 jul. 2009.

A ocupação do sítio se deu no século XVIII em virtude das inserções de colonizadores e comerciantes no interior da Capitania da Paraíba. A região se situava em rota de passagem entre Litoral e Sertão (ALMEIDA, 1980, p.5; MEDEIROS, 1950 *apud* ANDRADE, 1997, pp.27-28; MARIZ, 1945) e nela se iniciou um arraial para albergar viajantes (CAJU & CAVALCANTI FILHO, 2005; OLIVEIRA SOBRINHO, 1958). Areia alcançou, em 1818, a alcunha de Vila Real, e anos depois, em 1846, foi nomeada cidade. Sua economia esteve pautada, sobretudo, em culturas de subsistência, algodão, café e agave, mas o pilar de seu desenvolvimento foi o cultivo de cana-de-açúcar da zona rural (ANDRADE, 1997, p.21). Com a decadência dos engenhos, que remonta ao final do século XIX, surgiram usinas de açúcar, enquanto os engenhos dedicaram-se à produção de aguardente e rapadura, exportada para outras regiões do estado e para estados vizinhos.

No entanto, em virtude de questões da política paraibana no final do século XIX, o traçado de ferrovias não contemplou a cidade de Areia, que tendo sido por dois séculos a segunda cidade mais importante da Paraíba, ficou muito prejudicada

a partir de então, definindo frente a outros centros urbanos privilegiados e inseridos nas rotas de comunicação e escoamento de mercadorias.

A redefinição de traçados impulsionou o crescimento econômico e demográfico dos núcleos urbanos do Sertão e Agreste paraibanos (CÂMARA, 1997, pp. 87-88) e reforçou o papel econômico e político da capital (MARIZ, 1939 *apud* ANDRADE, 1997, pp.31-32; CÂMARA, 1997, pp.81-82). Em contrapartida, a exclusão das rotas de comércio do estado provocou o ocaso de Areia, que continuou a depender de sua agricultura e de dois importantes empreendimentos do século XX: a Usina Santa Maria e a fábrica de Fiação e Tecelagem Arenópolis. Estes dois empreendimentos, quando inseridos no contexto urbano de Areia, alteraram sua feição original e abalaram, além da economia do município, sua própria aparência urbana. A instalação da Usina Santa Maria provocou uma transferência da produção canavieira e das relações de trabalho e repercutiu diretamente na configuração do espaço construído em Areia ao provocar o êxodo de moradores rurais para a cidade e a ocupação desordenada dos terrenos urbanos (FIÚZA *et al.*, 1998, pp.100-101).

**Figura 3:** Vista geral da implantação de Areia/PB. Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes.

**Figura 4:** Vista dos quintais das edificações da Rua Pres. Getúlio Vargas, dependuradas na encosta. Fonte: Acervo da Associação dos Amigos de Areia (AMAR). Foto cedida por Rafaela Mabel Guedes In: MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano. Recife, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, p.161.

Esta conjuntura de mutação da cidade é notada mais claramente nos dias atuais, sendo possível flagrar a ocupação das encostas, vales e margens de rios, num processo danoso para Areia e comprometedor para a paisagem urbana do seu entorno. Como resultado, a morfologia tradicional da cidade tem sido expressivamente transformada.

Apesar destas mudanças periféricas, é possível identificar, no centro tradicional, um casario ainda preservado, com vários sobrados do século XIX, e que configura, apesar das mudanças, reformas, remodelações de fachadas, descaracterizações e ampliações, um espaço de expressividade urbana, com ocupação residencial e vitalidade comercial

até os dias atuais. Enquanto o núcleo inicial de Areia está predominantemente sobre o planalto, suas áreas de expansão recentes descem a serra, acompanhando o desenho das curvas topográficas (figura 3).

Os edifícios do centro se posicionam nas altitudes maiores, dependurando-se no topo da montanha e com seus quintais voltados para os despenhadeiros do entorno, onde predomina a vegetação remanescente (figura 4). As vias e praças do centro são estruturadas a partir das duas principais igrejas da cidade (Matriz de N. S. da Conceição e Igreja de N. S. do Rosário), que funcionam como marcos da estrutura urbana, delineando as linhas de crescimento.



Os obstáculos do relevo e algumas edificações, como o Cemitério e o Colégio Santa Rita, que por décadas representaram empecilhos à expansão da cidade nas áreas de encosta, foram superados e Areia se expandiu visivelmente a partir de meados do século XX nas direções Norte, Sul, Sudeste e Leste. Devido à relevância do conjunto arquitetônico de seu centro histórico, à forma de implantação no sítio e à paisagem natural circundante, foi reconhecida como patrimônio estadual em 1979 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) e, no ano de 2006 teve seu centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

### **Análise morfológica: a construção do método**

#### **A Morfologia Urbana**

Os estudos que se propõem a estudar como as pessoas modificam e modelam a forma das cidades tiveram suas origens nas linhas de trabalho precursoras da escola alemã, da geografia cultural norte-americana e da geografia histórica anglo-saxã (IBARZ, 1991, p.2). Conceitos como o de paisagem cultural (Otto Schlüter) e estudos pioneiros sobre a cidade de Viena (Otto Hassinger; Hans Bobeck; Lichtenberger) constituíram as bases sobre as quais se realizaram pesquisas posteriores (Escola de Berkeley; Geografia humanística) e se estruturaram em outras disciplinas, como a Geografia Cultural (Carl Sauer) e a Morfologia Urbana.

No período entre-guerras, os estudos se concentraram na distinção de formas, nos elementos topográficos e sua influência para a formação da malha urbana, no papel das vias de circulação, entre outros aspectos da cidade. No entanto, o alto grau de generalização das tipologias utilizadas e a pequena atenção dos estudiosos ao processo de constituição histórica da forma urbana tornaram essas análises incompletas, se ponderadas frente às perspectivas atuais dos estudos urbanos. Análises posteriores propuseram uma ruptura, introduzindo a idéia de difusão de tipos (Leighly), reconhecendo a influência de meios de transporte e sua relação com os ciclos expansivos da construção residencial (Ward & Adams) e relacionando os diferentes setores da cidade. Afirmava-se o campo de estudos da Morfologia Urbana, atenta às formas e transformações da cidade.

Com o passar do tempo, as pesquisas da geografia atingiram também o campo dos estudos urbanos e rurais, que passaram a ser adotados por planejadores, historiadores da cidade e urbanistas. As visões clássicas, que estavam mais relacionadas ao planejamento urbano e às etapas históricas do crescimento, foram ampliadas, de maneira que as perspectivas mais recentes da Morfologia Urbana têm abordado o planejamento da cidade, o parcelamento do solo, a imagem urbana e o edifício.

Autores como Conzen sugeriram o entendimento da cidade como sucessão de ciclos alternativos de recessão e crescimento, possibilitando, dessa maneira, a percepção do real impacto dessas etapas históricas na cidade (IBARZ, 1991, p.5). Whitehand, ampliando os estudos de Conzen, acrescentou informações quanto aos usos nas franjas ou cinturões periféricos. Outros estudiosos, como J. H. Dyos, J. D. Feldman e David Ward analisaram parcelamento do solo e permanências e rupturas na forma aliados ao estudo da história urbana. A introdução da edificação nos estudos morfológicos só se deu a partir dos estudos de O. Hassinger (Viena), F. Kniffen (estudos do tipo nos EUA), R. J. Salomon (paisagem urbana relacionada aos edifícios), Jean Gottmann (relação entre forma e função, tecnologias de construção) e Aldo Rossi (edifício como fato urbano).

Na década de 1980, as pesquisas, que já se ampliavam para a apreciação dos centros urbanos relacionados aos seus entornos e áreas suburbanas, passaram a contemplar conceitos mais relacionados às políticas de preservação dos centros urbanos, gestão das cidades e conservação integrada (IBARZ, 1991, p.8).

As análises mais recentes se concentram na aproximação entre morfologia e imagem da cidade. Harold Carter (paisagens urbanas), M. P. Conzen (aproximações morfológicas e urbanas), Kevin Lynch (conservação histórica, planejamento urbano, elementos urbanos), Garcia Lamas (estudos da cidade e seus elementos constituintes, permanências e escalas de percepção da forma), Aldo Rossi (estudos tipológicos, elementos primários) e Philippe Panerai (crescimento da cidade, trama urbana, vias, parcelas) apresentam interessantes ferramentas de leitura e interpretação da cidade e da forma urbana, considerando sempre a sua constituição no tempo.

O estudo das teorias mais recentes da Morfologia Urbana foi a escolha adotada para a análise do processo de construção e crescimento de Areia, objetivando a compreensão do aspecto formal da cidade, seu traçado, seus lotes e quadras, o papel dos edifícios religiosos e praças na trama urbana e a relevância do suporte geográfico para a configuração do espaço construído.

As pesquisas de Lynch (2006) permitem o entendimento da forma da cidade, seus elementos e a apreensão e leitura do urbano pelo homem. Lamas (2002) propõe uma visão da cidade segundo escalas de observação da forma; esta classificação é utilizada no estudo para hierarquizar os elementos identificados na análise morfológica e auxiliar na alternância de pontos de observação da cidade (escalas da rua, do bairro e da cidade). Já Rossi (2001) e Panerai (2006) utilizam ferramentas de análise tipológica que auxiliaram os estudos quando confrontadas com as apreciações dos autores que tratam das especificidades da arquitetura brasileira colonial (MARX, 1980; REIS FILHO, 2001; COSTA, 1937). Na análise das permanências e da relação direta entre história e forma urbana, recorreu-se à consulta de Kostof (1992) e Panerai (2006), tendo como subsídio o ciclo de crescimento urbano proposto por Mumford (2004). A análise e elaboração de mapas morfológicos foram subsidiadas pelas ferramentas metodológicas de Panerai (2006).

A escolha dos teóricos resultou numa metodologia de estudo que não recorreu a apenas um autor ou método, mas que optou por lançar mão dos conceitos e ferramentas de análise propostos por vários autores. Recorrer a um só método ou somente um autor não seria adequado, tendo em vista que somente a partir da especificidade do sítio urbano estudado foi traçada a estratégia de estudo, constituindo-se um método de análise a partir de vários autores da Morfologia Urbana.

### Premissas da análise

Muitos autores se detiveram a analisar a cidade e sua forma, sem perder de vista os elementos naturais e o sítio em que a urbe se constituiu. Nos estudos de planos de cidade realizados por teóricos da Geografia Urbana, “las visiones clásicas iniciales contienen una doble vertiente al atender simultáneamente al emplazamiento urbano, muchas veces asociado al

medio físico, y a las etapas históricas del crecimiento” (IBARZ, 1991, pp.3-4).

A cidade atual contém múltiplos extratos e tramas diversas. Carlo Aymonimo (1972) ressaltou a dificuldade de traduzir os fenômenos da aglomeração urbana pós-industrial, que têm se mostrado diversos e complexos. Para Goitia (1989, p.36), “a cidade sempre foi e será, pela natureza da sua essência, artisticamente fragmentária, tumultuosa e inacabada. Não encontramos nela essa forma definitiva e redonda por que anseia o sentimento estético”. A compreensão da cidade atual a pressupõe como obra inacabada e complexa, como caracterizada por Panerai (2006):

*O espraiamento [da cidade contemporânea] vem acompanhado por uma esgarçada do tecido urbano. A evolução dos modos de vida urbana engendra um consumo expressivo de espaços. E a cidade, outrora compacta, inclui hoje grandes zonas não construídas: áreas naturais, plataformas logísticas, setores de estocagem, terrenos baldios. Ela vai ficando abarrotada com uma heterogênea massa construída, na qual ocorrem rupturas de escala impressionantes: um trevo viário ocupa a mesma área que uma cidadezinha antiga. (PANERAI, 2006, pp. 13-14)*

Nessa perspectiva, nossa análise procura desvendar a dinâmica de crescimento, adensamento e urbanização em Areia, a mudança dos pólos e centralidades e a manutenção da forma tradicional em meio às ocupações características do século XX. A fim de estabelecer parâmetros para o estudo morfológico de Areia, o eixo de trabalho foi definido a partir de quatro premissas básicas:

- . A cidade é resultado de estratificações e a forma da cidade revela um tempo da cidade, embora existam nela muitos tempos;
- . O estudo de cidades deve considerar a permanência do plano e os elementos primários;
- . O sítio urbano, suporte do crescimento, é o fator capital da forma e do processo de desenvolvimento de Areia;
- . A intervenção humana, a arquitetura, o parcelamento do solo e os eixos de expansão são fatores que, em

complementaridade ao sítio urbano, determinam a morfologia de uma cidade.

Estes quatro princípios, defendidos pelos teóricos da Morfologia Urbana e observados no processo de constituição do tecido urbano de Areia, norteiam nosso estudo.

### **Análise da dinâmica de crescimento de Areia**

A história com ênfase na Paraíba e, particularmente, na região do Brejo, foi utilizada como aporte para a compreensão do processo de crescimento e de configuração do espaço urbano de Areia, contemplando a apreciação de fontes primárias e secundárias e a cartografia disponível, analisados sempre com o auxílio das ferramentas oferecidas pelos teóricos da Morfologia Urbana. Esse processo de reconstrução do desenvolvimento urbano de Areia resultou em mapas que procuraram desvendar como a cidade surgiu e se estruturou no terreno escarpado de sua implantação.

#### **Etapas de crescimento**

Considerando a premissa da cidade como um “lugar de acumulação” (PANERAI, 2006, p.14), verificamos que o tecido urbano contém os estratos superpostos, acrescidos e interpostos que sinalizam e referenciam os setores mais antigos em contraposição ao crescimento recente. Na cidade, é possível perceber, pois, as adições de cada época, plasmadas na ordem urbana e na forma da arquitetura, que embora permaneçam estáveis por algum tempo, estão sempre se modificando nos detalhes (LYNCH, 2006, p.2) e testemunhando os vários tempos da cidade.

Mumford (2004, p.600), considerando o ciclo proposto por Patrick Geddes para o desenvolvimento da cidade, da aldeia (eópolis) à megalópolis, e desta à necrópolis, defende a existência de um processo recorrente nas megalópoles – no qual se sucedem crescimento, expansão e desintegração –, sendo a desintegração física “por meio da guerra, do fogo ou da corrosão e ruína econômica” a única maneira de tornar a cidade apta à nova vida urbana. Porém, o autor ressalta que a cidade pode estabelecer novas premissas, tendo em vista suas potencialidades, e romper esse ciclo (p.570),

renascendo em meio a um cenário econômico desfavorável.

Adaptamos o ciclo de crescimento descrito por Mumford (2004) ao caso de Areia, por considerarmos que os processos nele explícitos (crescimento, expansão, ruína econômica) estão presentes, em maior ou menor grau, em quaisquer núcleos urbanos, independentemente de seu tamanho e abrangência. No intervalo temporal estudado (1701-2005), foi possível divisar quatro etapas distintas (figura 5):

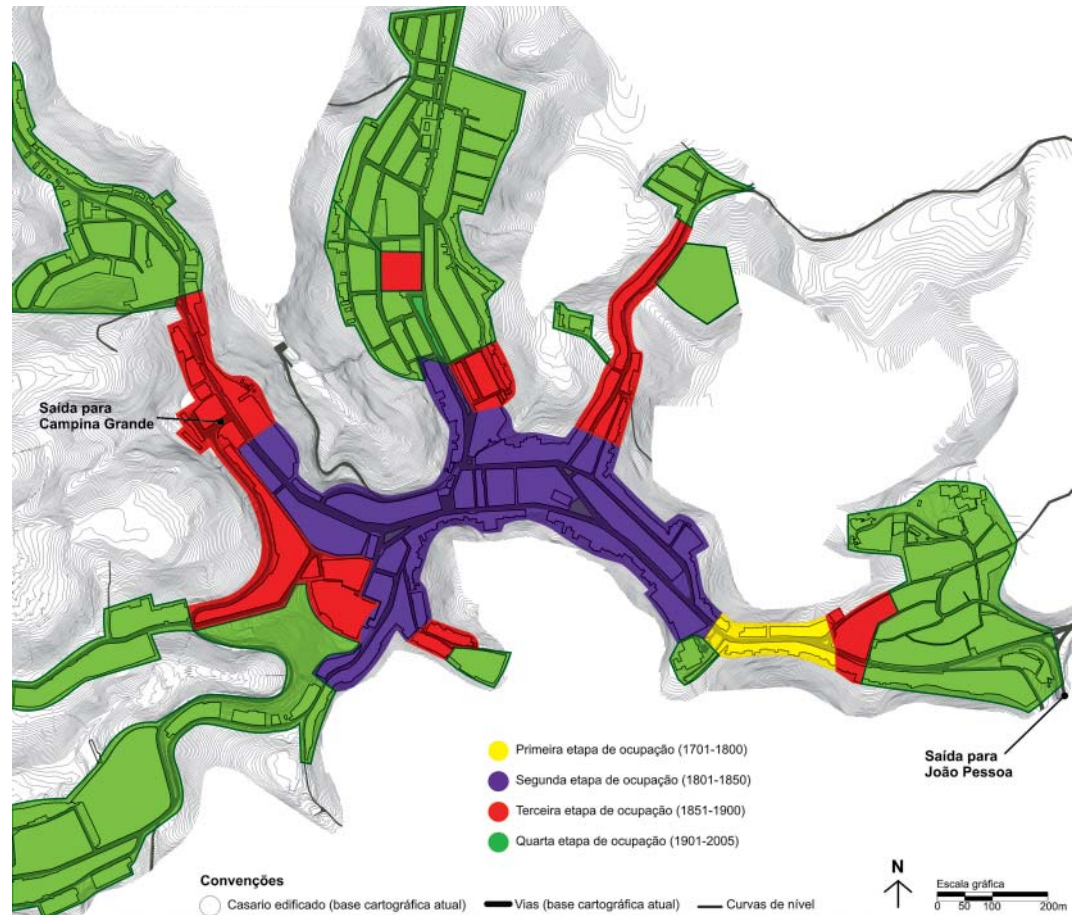
- . os primórdios da ocupação (1701-1800);
- . o crescimento territorial expressivo (1801-1850);
- . o princípio da decadência econômica e interrupção abrupta do crescimento (1851-1900); e, por fim,
- . a nova fase de crescimento urbano e explosão demográfica, desencadeada a partir do início do século XX (1901-2005).

O primeiro momento é caracterizado pelos primórdios da ocupação do sítio, iniciada em 1701 com um lugar de parada de viajantes e tropeiros que transitavam entre Sertão e Litoral. O povoamento da terra se caracterizou pela instalação de fazendas agrícolas e ocupação transitória, permanecendo intermitente durante todo o século XVIII.

Esta ocupação, em meio à densa vegetação, ao mesmo tempo em que nega o campo, existe em função desta mesma zona rural, já que surge em virtude das propriedades rurais e atividades agrícolas que se desenvolvem em seu entorno.

*A ascensão da cidade, muito longe de apagar antigos elementos de cultura, realmente os ajuntou e aumentou sua eficácia e alcance. O próprio incentivo de ocupações não-agrícolas acentuou a necessidade de alimentos a provavelmente causou a multiplicação de aldeias e a entrega de mais terras ao cultivo. (MUMFORD, 2004, p.39)*

Até o século XIX, os engenhos e fazendas foram os propulsores e constituíram as bases sobre as quais se daria do desenvolvimento de Areia, confirmando uma tendência comum nas colônias da América Latina (ROMERO, 2004, p.44) e estiveram presentes



**Figura 5:** Etapas do processo de crescimento urbano em Areia (1701-2005). Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes.

também como fortes determinantes do princípio da ocupação do sítio (MUMFORD, 2004, p.39).

*Os toscos povoados [...] que parecem brotar 'naturalmente' da paisagem, não o fazem, na verdade. Sutilmente, rompem com o mundo rural, expressando, pequenos e espalhados por entre enormes domínios agrários, um outro processo 'social'. Rompimento ou complementaridade? Algo como uma válvula de escape necessária, em determinados momentos e locais, ao sistema da monocultura de exportação ou, talvez, como rompimento das próprias cadeias e limitações que tal sistema pressupunha. (MARX, 1991, pp.25-26)*

Na virada para os oitocentos, Areia era uma aglomeração urbana pontualmente edificada, restrita aos arrabaldes da hospedaria para viajantes, no setor Leste do atual centro urbano, possivelmente

composta por pouco mais de uma centena de pessoas. Os viajantes e comerciantes que se estabeleceram na região tiveram papel determinante para o desenvolvimento urbano futuro (MUMFORD, 2004, pp.111-112).

Esta ocupação iniciou-se não exatamente no topo da serra, mas a cerca de 32m abaixo da curva topográfica mais alta do terreno, não correspondendo, portanto, ao platô em que hoje está implantado o núcleo principal da cidade e a partir do qual suas vias descem os morros. Mesmo não estando no topo, sua proximidade das cotas mais altas segue o padrão de ocupação de outras cidades brasileiras como João Pessoa, Olinda, Salvador ou Rio de Janeiro, onde a descida da montanha foi posterior à ocupação inicial, limitada à "cidade alta". No entanto, o fato do arraial areiense se implantar numa região de relevo um pouco mais íngreme, só atingindo o planalto



principal no século XIX, leva a crer que a defesa do território parecia não ser uma questão primordial no momento de sua fundação, ao contrário dos demais casos citados.

O segundo período identificado compreende o intervalo 1801-1850 e se assinala pelo avanço territorial significativo e ininterrupto, afirmado nos meados do século. Esta etapa representa uma ruptura no processo de crescimento de Areia, já que a cidade reverteu a tendência verificada no século anterior de urbanização inexpressiva, expandindo seus limites territoriais e ganhando importância frente aos demais centros urbanos da Província.

Para os teóricos da escola italiana, é o percurso-matriz, o caminho precedente à ocupação, que define o local em que as edificações se localizarão e para onde a cidade se desenvolverá. Segundo Caniggia e Maffei (1984),

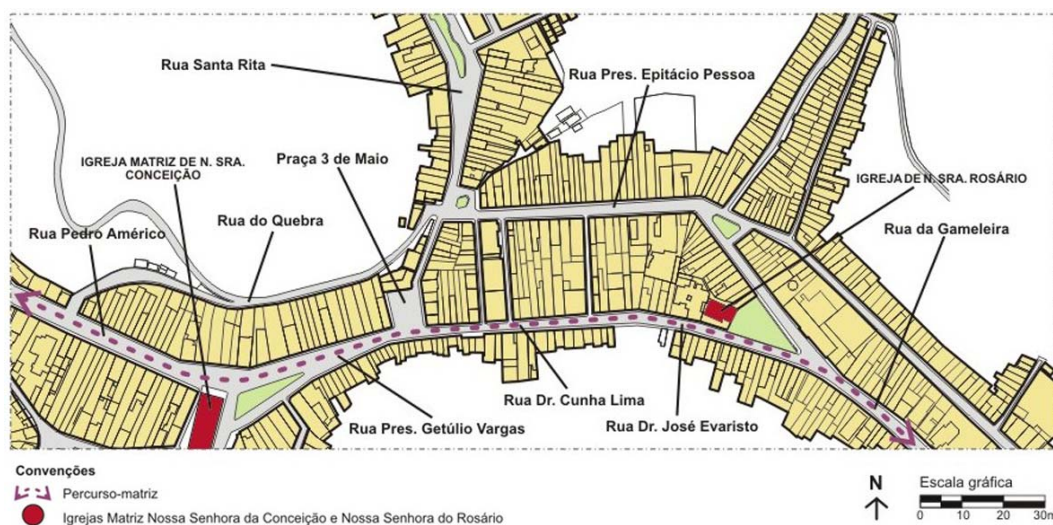
*Poi, è pure inevitabile che vi sia un percorso preesistente ove iniziare l'edificazione, quindi già 'percorso' indipendentemente dall'edificazione stessa, fatto per collegare due polarità. Ovevo, si deve tracciare un analogo percorso che colleghi il luogo da pianificare con una polarità (come nel caso, Che poi vedremo, della via Ghibellina). Il nuovo aggregato, insomma, non può che essere condizionato dalla presenza di un percorso d'accesso, di un cordone*

*ombelicale che lo lega al resto dell'organismo urbano e/o del territorio, e questo non potrà evitare di essere elemento polarizzante: con un ruolo in tutto simile a quello che si attuerebbe nel caso di un percorso matrice di un agregato spontaneo. (p.79; grifos dos autores).*

O comércio se desenvolveu rapidamente e teve papel fundamental para a expansão urbana, dirigida para além da rua principal, iniciando a conformação de determinados espaços públicos, como, por exemplo, a Praça do Comércio (atual Praça 3 de Maio), que em 1847 já estava definida e ladeada por edificações. É provável que a formação de quarteirões e ruas paralelas ao eixo viário existente tenha se consolidado a partir do último quartel do século, alterando sensivelmente o caráter inicial da cidade nascida a partir do caminho (LEFEBVRE, 1969 *apud* PANERAI, 2006, p.17) e afirmando os eixos de expansão Norte e Sul (figura 6). Dados populacionais corroboram a tese de crescimento demográfico e territorial, já que a população da cidade cresceu visivelmente nesses cinquenta anos, chegando a 20.552 habitantes em 1850 (FIÚZA *et al.*, 1998, p.52).

Ao percurso-matriz inicial de meia encosta ou contra cumeada (segundo o curso do planalto principal), sobrevieram novos percursos: de cumeada (ao longo dos leitos dos rios) e de fundo de vale (subindo ao longo dum curso d'água), sendo o

**Figura 6:** Centro de Areia, com destaque para os principais eixos viários, o percurso-matriz e os espaços livres públicos delineados no século XIX. Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes.





**Figura 7:** Percurso-matriz de Areia e igreja Matriz, elemento marcante e pólo de atração e redirecionamento da expansão (século XIX). Fonte: Acervo da Associação dos Amigos de Areia (AMAR). Foto cedida por Rafaela Mabel Guedes In: MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano. Recife, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, p.185.

sítio de implantação em todos os casos um fator determinante para a configuração da atual forma de Areia. Como ressalta Guerreiro (2000),

*A forma geográfica natural do território determina a priori, por assim dizer, aquelas que serão em seguida todas as fases de evolução sucessiva. Apesar da malha indiferenciada de percursos naturais, passa-se com o tempo e espontaneamente a um reconhecimento hierárquico de todo o sistema, que adquire um valor em função da própria capacidade transitável, da tendência direcional, da posição e por último da capacidade de agregação. (p.6)*

A ocupação do setor Oeste da cidade se fortaleceu a partir de 1820 e delineou-se um forte núcleo de atração marcado pela Igreja Matriz, pelos principais sobrados de residência e edificações comerciais da cidade. A região polarizada pela Matriz naturalmente se tornou privilegiada pela concentração de pessoas, atividades e negócios (MARX, 1991, p.27). A

importância e relevância que a igreja adquire a tornam um signo da cidade no século XIX, sempre relacionado aos acontecimentos mais significativos da localidade, aproximando-se do conceito atribuído por Rossi (2001, p.167) aos elementos marcantes (figura 7).

Delinearam-se a Rua e a Praça do Comércio (atuais Rua Pres. Getúlio Vargas e Praça 3 de Maio) e os eixos de expansão em direção às Fontes (Pirunga, Bonito e Quebra) – Rua do Pirunga, Rua dos Quatro Cantos e Rua do Quebra. Alguns outros eixos, como as Ruas Pres. Epitácio Pessoa e Santa Rita (denominada Rua da Matança no mapa de 1847, figura 6), também já se encontravam edificadas nos meados do século, podendo estar consolidadas já na virada para o século seguinte.

Nos meados do século XIX, as ruas de Areia já estavam nitidamente definidas e edificadas (figura 8), confirmando o caráter urbano em oposição

do núcleo rural circundante. As fronteiras entre esses dois diferentes espaços, à semelhança das muralhas das cidadelas, eram a vegetação, o relevo difícil e as estradas (MUMFORD, 2004, pp.75;79). Todo o entorno não edificado era composto por propriedades rurais e caminhos e rotas do comércio provincial, enquanto as estradas, à medida que eram absorvidas pelos edifícios, tornavam-se parte da cidade.

*O esquema [colonial] apontado envolvia ainda a própria idéia que se fazia de via pública. Numa época na qual as ruas, com raras exceções, ainda não tinham calçamento, nem eram conhecidos passeios – recursos desenvolvidos já em épocas mais recentes, como meio de seleção de aperfeiçoamento do tráfego – não seria possível pensar em ruas sem prédios; ruas sem edificações, definidas por cercas, eram as estradas. (REIS FILHO, 2006, p.22)*

Em 1850 já se configurava em Areia uma ocupação consolidada em torno das vias principais e já se iniciavam os arruamentos secundários de forma “irregular, com ruas tortas, de largura incerta, de ladeiras, [...] de inclinações variadas e por vezes excessivas. Localidade que se casa com a paisagem ou com ela se enlaça” (MARX, 1991,

p.28). A maioria dos autores que tratam da cidade brasileira defende que esta forma advém da transplantação do modo português de construir cidades, tomando partido do relevo e tendendo à linearidade.

A descida dos morros foi inevitável quando o platô central mostrou-se ocupado integralmente e, dessa forma, as cidades adquiriram um contorno indefinido quando extrapolaram os limites iniciais e foram polarizadas por núcleos externos. Em Areia, os novos eixos de expansão definiriam o desenvolvimento recente, representando um leve rompimento com a diretriz topográfica que sustentou a ocupação principalmente no altiplano central e em suaves inclinações do relevo durante o século XVIII e as primeiras décadas do XIX. Se as expansões recentes respeitaram mais ou menos o processo natural de crescimento urbano, as ocupações irregulares, por outro lado, não seguiram a diretriz original e, por isso, constituem o principal desvirtuamento de todo o processo urbano de crescimento areiense, ocupando os quintais tradicionais, as encostas do terreno, as cotas mais baixas do sítio e as áreas com risco de alagamento e deslizamento durante a estação chuvosa.

**Figura 8:** Ocupação de Areia em 1847. Fonte: SILVA, Francisco Pereira da. Planta da cidade de Arêa na Parahyba pelo 2º. Tenente do Imperial Colégio de Engenheiros Francisco Pereira da Silva em 1847. 1847. Arquivo do Exército. Rio de Janeiro. 1 mapa color.; 56,50cm x 38cm. 03.02.468 In: MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano. Recife, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, p.47.



O intervalo compreendido entre 1851 e 1900 representou a terceira etapa de crescimento reconhecida nesse estudo, caracterizada por nova ruptura no processo de desenvolvimento de Areia, assemelhando-se à fase de desintegração descrita por Mumford (2004, p.570). O declínio econômico da cidade, em virtude de seu isolamento da rede ferroviária paraibana, influenciou decisivamente seu desenvolvimento a partir do último quartel do século XIX. Não obstante os melhoramentos urbanos acontecidos nas primeiras décadas (criação de praças e jardins públicos, implantação de chafarizes e coretos nas praças, calçamento de ruas, remodelação de fachadas), que alteraram as feições do conjunto edificado e de alguns espaços públicos, o crescimento foi estancado pela decadência do comércio e demais atividades econômicas, não modificando significativamente a forma de Areia até a virada para o século XX.

Intervenções pontuais, como construções soltas do lote urbano tradicional, retificação de ruas, demolições e criação de novos espaços de convivência, provocaram certas alterações; no entanto, não foram suficientes para deformar a malha urbana, confirmando a “lei da permanência do plano” (ROSSI, 2001, pp.37-38; PANERAI, 2006, p.48). Sobre a permanência das estruturas fundamentais da cidade, Mumford (2004, p.113) comenta que

*Por meio de seus edifícios e estruturas institucionais duráveis e das formas simbólicas ainda mais duráveis e da literatura e da arte, a cidade une épocas passadas, épocas presentes e épocas por vir. [...] Porque suas estruturas duram mais que as funções e finalidades que originalmente lhe deram forma [...].*

As substituições, retificações de ruas e alterações dos espaços urbanos não provocaram a descaracterização de sua forma urbana, entendida em sua dimensão territorial. Como afirma Rossi (2001), “[...] a cidade é uma coisa que permanece através das suas transformações e as suas funções, simples ou múltiplas, que ela desempenha progressivamente são momentos na realidade de sua estrutura” (p.46). A essência da cidade permanece em seus elementos persistentes (ROSSI, 2001, p.56). A população da cidade não apresentou o mesmo ritmo de crescimento identificado no período anterior, aumentando em apenas cerca de 7% e atingindo um número aproximado de 22.000 habitantes em 1900 (ALMEIDA, 1980).

A quarta fase se refere ao desenvolvimento recente de Areia, dos anos 1900 aos dias atuais. É caracterizada por uma retomada do crescimento urbano e pelo inchamento da cidade, devido às migrações da população da zona rural para a zona urbana, motivadas pela instalação da Usina Santa Maria (1920) e da Fiação e Tecelagem Arenópolis S.A. (1925). Diferencia-se da fase anterior por representar nova ruptura, saindo da fase de desintegração e estagnação territorial e populacional para uma nova fase de crescimento e esgarçamento do tecido urbano, e não somente de modificações na arquitetura tradicional.

Nesta etapa de desenvolvimento urbano, ocorre a transposição dos limites tradicionais e a retomada do ciclo de crescimento de Mumford (2004, p.570). A expansão linear da cidade foi substituída por uma ampliação de caráter diferenciado, seguindo os eixos secundários e substituindo o caráter centralizado de Areia por uma estrutura multipolar. Decorre desta transposição de limites “a dissolução da noção de centro, a perda da identidade dos bairros e o antagonismo entre as partes” (PANERAI, 2006, p.69), instituindo-se uma nova cidade e nela, novas centralidades. A cidade experimenta sucessivos processos de adensamento urbano e populacional, chegando a ter 43.451 habitantes em 1920 e 46.300 em 1950, aumentando em mais de 100% a população de Areia no intervalo 1900-1950.

A partir da década de 1970 até o presente, a ocupação urbana dos arredores do centro antigo se intensificou de maneira tal que o núcleo urbano oitocentista representa atualmente pequena parcela do atual município. A ocupação de encostas e terrenos muito íngremes nas áreas de expansão, o crescimento a partir do prolongamento dos eixos urbanos coloniais, o preenchimento dos vazios nos lotes urbanos tradicionais, a reforma dos imóveis e a remodelação das fachadas no centro tradicional são alguns eventos da atual conjuntura, decorrentes da intensa urbanização ou da ampliação e adaptação dos antigos edifícios às novas funções urbanas. O Censo demográfico atual aponta para uma nova diminuição do número de habitantes da zona urbana, totalizando 25.714 habitantes (IBGE, 2009). Esta retração populacional, no entanto, não foi suficiente para interromper o processo de apropriação do tecido urbano periférico e das áreas impróprias à ocupação.

Desta maneira, fica a cidade de Areia caracterizada por quatro diferentes momentos de urbanização. O primeiro, caracterizado por uma lenta e pontual ocupação, no setor Leste; o segundo, de caráter mais intenso e consolidado, responsável pela maciça edificação do centro, formação de pólos de atração e fortalecimento econômico, político e administrativo; o terceiro, desacelerado pela decadência econômica e pouco expressivo do ponto de vista urbanístico, não modificado substancialmente pelas remodelações e intervenções modernizadoras da segunda metade do século XIX; e o último, que representa uma retomada do crescimento urbano, com forte desenvolvimento nos sentidos Norte, Sudoeste e Leste e ampliação definitiva da forma urbana inicial.

### Modos de crescimento

Nas cidades brasileiras, mesmo nas que ostentam formas de difícil tradução, o crescimento muitas vezes se deu de modo contínuo, como destaca Panerai (2006, p.58):

*O mesmo processo [de crescimento contínuo] ocorre em cidades importantes que, apesar de seu tamanho, parecem regidas mais pela lógica do caminho que pela lógica do loteamento ou pelo controle de conjunto. Esse é o caso daquelas cidades brasileiras que se estiram ao longo de estradas alinhavadas pelo cimo dos montes ou serpenteando pelos vales entre as colinas.*

Configurada de modo linear até final do século XIX, a feição de Areia no século XXI revela ocupações Norte e Sul que não ocorrem de forma cadenciada em todos os setores. No crescimento contínuo, segundo Panerai (2006, p.57), “a cada estágio do processo, as extensões se fazem pelo prolongamento direto de porções urbanas já construídas”, constituindo um centro antigo fortemente estruturado que polariza o crescimento e mantém a coesão do conjunto (figura 9).

O setor de expansão Leste se desenvolveu precedendo o parcelamento, de maneira que o pólo criado estimulou a ampliação da via e a implantação das redes de infra-estrutura. Nesse setor da cidade, embora a urbanização tenha se dado de forma contínua, desvirtuou-se da tendência freqüente de crescimento centrífugo, processando-se das estradas que limitaram o loteamento, em direção ao centro.

Uma análise das expansões permite a identificação de determinados eventos. Todo o esforço empreendido nos primeiros dois séculos de ocupação para manter a cidade nos pontos mais altos do terreno foi substituído, no século XX, por expansões que não ignoram totalmente a topografia, mas já experimentam descidas de nível de dezenas de metros. É o que acontece, por exemplo, nas áreas de expansão Sudoeste e Norte. Embora seja possível perceber edifícios ainda “pendurados” ao ponto mais alto do terreno, configuração recorrente em toda a cidade, já é evidente o alto declive do centro antigo até os lotes mais distantes da zona urbanizada.

Em toda a cidade, é possível perceber a submissão do lote urbano e dos principais eixos viários ao terreno; por isso, a irregularidade de ruas e casas, como destaca Marx (1980, *passim*): “o sítio urbano, geralmente, decide e justifica esses traçados irregulares” (p.24).

A topografia não permitiu, em Areia, uma aglutinação da ocupação. Toda a cidade se configura a partir de “tentáculos” de expansão linear e centrífuga, repousando sobre vias e geralmente não se ligando aos demais eixos de expansão, mas somente seguindo em direção aos eixos urbanos principais e sempre respeitando a linha de cumeada, identificando-se com os percursos-matrizes de Muratori (*apud* DE CARLI & SCATÀ, 1991), preexistentes aos edifícios. Também é perceptível a lei da permanência do plano, já que mesmo os crescimentos mais recentes da cidade se desenvolvem tendo como suporte principal o sítio geográfico e pouco alterando a estrutura urbana inicial de Areia.

### Rede viária e eixos de expansão

Nas áreas de expansão não existe uma rede secundária de vias, e para se chegar ao centro, normalmente não há outra alternativa senão a natural, pelas vias sinuosas das expansões, percorrendo-se longos caminhos até acessar a via principal da cidade. A comunicação entre as ruas da expansão é, portanto, quase inexistente. Na maior parte das vezes, os eixos viários se configuram por uma fileira de edificações, nem sempre constituindo quadras e geralmente deparando seus quintais com os vales do entorno.



**Figura 9:** Modos de crescimento urbano em Areia (1701-2005). Fonte: Carla Gisele Macedo S. M. Moraes.

Não seriam estes eixos de expansão as “zonas amorfas” apontadas por Rossi (2001, p.133) como “momentos de um processo de transformação, [que] representam por assim dizer os tempos mortos da dinâmica urbana”? Estas ruas de ocupação rarefeita não se afirmam fortemente na estrutura urbana, mas representam somente momentos de transição e comunicação limitada entre centro urbano consolidado e expansão recente. Em poucos casos há formação de ruas paralelas, constituindo ocupação similar à do centro da cidade, que por mais de um século não consolidou quadras, mas apenas eixos viários escassamente edificados.

As novas construções – escolas, hospitais, estações ferroviárias, mercados –, pontuadas nos eixos de expansão urbana, parecem representar os mesmos

papéis que os marcos urbanos preponderantes no núcleo colonial (Igrejas, Casa de Câmara e Cadeia) (LYNCH, 2006, p.88). Embora as funções exercidas sejam diferentes, o papel primordial na malha urbana e a localização privilegiada apontam para a identificação dessas estruturas como novos fatos urbanos (ROSSI, 2001, p.117), cujos papéis se confundem com as funções institucionais dos elementos urbanos tradicionais.

Somente mais longe do centro é possível identificar uma ocupação de lote diferenciada, com edificações soltas dos limites laterais e frontal ou grandes propriedades rurais. Nesses locais, percebe-se a incorporação do parcelamento rural à malha urbana, diferenciando alguns eixos de expansão do caráter uniforme da ocupação central.

**Figura 10:** Detalhe da deflexão da Rua Dr. José Evaristo, no centro tradicional de Areia. Fonte: Acervo de Rafaela Mabel Guedes, 2007. In: MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. *Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano*. Recife, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, p.187.

Ademais, mesmo os loteamentos recentes conservaram as características da implantação inicial e o parcelamento do solo continua a apresentar dimensões semelhantes às tradicionais. Mesmo quando o tamanho dos lotes é menor, a relação 'largura versus profundidade' permanece semelhante à do centro tradicional.

Apesar do terreno sinuoso, uma análise processada na dimensão territorial (escala da cidade), onde

se divisa a urbe como um observador distante, identificando arruamentos e a articulação de zonas entre si e com o suporte geográfico (LAMAS, 2002, pp.73-74), percebe-se que a deflexão das ruas do centro não configura curvas (figuras 10 e 11). Nesse setor, existem 'quebras' da continuidade linear em certos trechos que redirecionam o crescimento, ocasionando geralmente a mudança do nome da rua. O delineamento de vias de traçado mais sinuoso, por sua vez, está presente nas expansões.





**Figura 11:** Estreitamento da Rua Pres. Getúlio Vargas, no centro tradicional de Areia. Fonte: Acervo de Rafaela Mabel Guedes, 2007. In: MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. *Areia - Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano*. Recife, 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, p.187.

Por outro lado, a regularidade e uniformidade da largura das vias só estão presentes nos bairros recentes, enquanto no centro são perceptíveis determinadas ampliações, deflexões e aberturas em virtude do relevo ou da marcação de edifícios importantes. No entorno das duas igrejas principais (Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição) é possível perceber alargamentos significativos e marcantes para a definição do espaço público, configurando praças.

### Barreiras, limites e marcos urbanos

Segundo Panerai (2006, p.76),

*No desenvolvimento histórico de uma cidade, as sucessivas barreiras favorecem o adensamento. A aglomeração somente transpõe seus limites, eventualmente englobando seus arredores, após a saturação do tecido. [...] Sua consequência é a constituição de um núcleo que atinge uma densidade elevada e deixa nítida a oposição centro/periferia. A ausência de limites fortes, pelo contrário, favorece*

*uma extensão horizontal com densidades mais baixas e sem estruturação do núcleo.*

Em Areia, é possível constatar a saturação do tecido no centro e um adensamento que se processou linearmente, constituindo uma periferia pouco saturada. A oposição centro-periferia existe, marcada entre outros fatores, pelo adensamento. Entrementes, a força dos limites não foi suficiente para diferenciar formalmente o novo e o antigo tecidos, fazendo com que as extensões se assemelhem muito ao núcleo tradicional no tocante ao parcelamento e organização da trama urbana. Em Areia não existe uma identidade forte ou diferenciação de bairros, permitindo que as "continuidades temáticas" marquem a aparência da cidade (LYNCH, 2006, p.75). Os limites não estão postos e ruas, praças e logradouros se confundem num corpo unitário e pouco diferenciado. Em contrapartida, o que há são referências (marcos urbanos e pontos nodais) que sinalizam determinados locais e conferem singularidade ao espaço construído.



O que se percebe na observação da cidade é que o tecido urbano não se diferencia no centro tradicional e nas novas expansões, denotando similaridade se observado em sua dimensão urbana (escala do bairro) (LAMAS, 2002, pp.73-74). Os lotes dos bairros mais recentes são, em largura e profundidade, semelhantes ao parcelamento do núcleo inicial, causando uma estranha impressão de homogeneidade, que, no entanto, não corresponde à realidade. O que se observa, sobretudo na dimensão setorial de percepção da cidade (escala da rua), é uma mesma divisão de lotes, que não implica necessariamente no mesmo tipo de implantação, tampouco no mesmo tipo de arquitetura. Além disso, a própria organização dos novos bairros demonstra outras dessemelhanças no tecido. Muitas vias da expansão recente propiciaram a formação de quadras numa cidade onde predominava a noção de rua. Este princípio, todavia, permanece inserido na cidade, pois ainda é possível divisar eixos viários que se prolongam seguindo as curvas do relevo e não se desdobrando em quadras no acesso aos loteamentos da expansão.

O tecido urbano de uma cidade existe pela imbricação entre a rede de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações (PANERAI, 2006, p.78). Em Areia, a estrutura do tecido central é mais firme e coesa, enquanto na periferia, ainda se está constituindo uma rede urbana, não completamente consolidada. Contribuem para a forte afirmação do caráter do centro os seus espaços públicos tradicionais, que promovem a integração do tecido urbano e articulação entre os espaços construídos.

### **O processo de desenvolvimento urbano de Areia**

Uma cidade é feita justamente da estratificação, expansão e substituição progressiva de tecidos e formas. Em Areia, posteriormente a um processo lento e espontâneo de crescimento e preenchimento de vazios no centro tradicional, sobreveio uma urbanização agressiva que destoa da imagem urbana consolidada. A ocupação das encostas, das áreas alagadiças e de preservação ambiental e cultural é um grave problema, que compromete a segurança dos moradores e a paisagem da cidade, por descaracterizar o cinturão verde que rodeia toda a cidade e ocupar o relevo escarpado do terreno, provocando deslizamentos na estação chuvosa.

Para além da ocupação ilegal, configura-se uma periferia aparentemente semelhante à morfologia do centro tradicional, porém diferenciando-se em sua organização espacial, na relação do edifício dentro do lote, no parcelamento levemente diferenciado, nas cotas do terreno, mais baixas que nos centro tradicional. Contudo, esta mesma periferia mostra-se ainda muito dependente do terreno de implantação, que no século XXI continua a representar um forte obstáculo à apropriação territorial, construção e expansão de infra-estrutura.

Retomando as premissas elencadas para a análise urbana, é possível identificar na dinâmica de crescimento de Areia entre os séculos XVIII e XX os diversos tempos da cidade, que se processaram nas quatro fases de seu desenvolvimento elencadas anteriormente. Também se percebe a persistência do plano e de determinadas formas urbanas. É possível observar que as alterações mais significativas se processaram na arquitetura de Areia (formas, tipos construtivos, plantas baixas originais), enquanto o traçado urbano de seu centro histórico permaneceu praticamente inalterado.

O processo de desenvolvimento de Areia é marcado por alguns eventos importantes, que podemos brevemente caracterizar como: origem a partir do caminho; desenvolvimento linear, polarizado pelos edifícios religiosos, ditado pelo relevo e pelos obstáculos naturais do terreno e sem ordenamento formal; forte relação entre espaço edificado e zona rural circundante; e, por fim, expansão recente processada a partir dos principais eixos viários pré-existentes, no entanto com desvirtuamento da diretriz inicial de ocupação do sítio, com traçado, tamanho de lote e configuração espacial diferenciados.

A origem de Areia processou-se a partir de um caminho, uma estrada, e foi este eixo que conferiu seu caráter longilíneo e linear. Até nosso século, o antigo caminho representa a principal via da cidade e a hierarquia das ruas também respeita o processo de surgimento e formação do espaço urbano. As Igrejas Matriz de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Rosário, importantes marcos urbanos, polarizaram o adensamento durante o século XIX, possibilitando o crescimento da cidade na direção Oeste-Leste. A primeira atraiu o crescimento para a região oposta à ocupação inicial, estimulando a urbanização do setor Oeste da

cidade. A segunda intensificou a ocupação do setor Leste, atraindo pra si todo o desenvolvimento que havia se deslocado para o setor Oeste e permitindo também o desenvolvimento do setor Norte, pouco ocupado até meados do século XIX.

Durante muitos anos, a cidade permaneceu sobre o platô do seu sítio de implantação. Quando não foi mais possível manter-se no topo, se expandiu sempre pelas cotas mais suaves do relevo, respeitando os acidentes geográficos de difícil transposição, as barreiras ao crescimento (facilmente detectáveis no terreno circundante) e seguindo pelos prolongamentos dos eixos viários já existentes. A mais forte característica do processo de crescimento de Areia é a sua submissão, até as ocupações recentes, ao relevo.

O arruamento da cidade não parece ter se submetido a qualquer ordenamento ou alinhamento. A conformação das casas seguiu-se espontaneamente, à medida que se construíam edifícios nos terrenos vazios. O imóvel já existente parecia determinar ou sugerir o alinhamento dos imóveis futuros. Talvez advenha desta prática a irregularidade da largura de muitas ruas da cidade. Em decorrência de alargamentos imprevistos, alguns em função do relevo, outros pela bifurcação de ruas ou pela existência de uma edificação de valor simbólico notável, formaram-se as praças da cidade.

O lote tradicional característico, de pequena testada e grande profundidade, com o passar do tempo cedeu lugar aos desmembramentos, de maneira que os lotes-rua, atravessando toda a extensão da quadra até a rua dos fundos, foram divididos e se criaram edificações com suas fachadas voltadas para as ruas dos fundos.

Sem a existência de grande número de igrejas ou de uma notável Casa de Câmara e Cadeia, ao redor das praças mais tradicionais da cidade foram mais freqüentes as edificações residenciais e comerciais.

A partir de meados do século XIX, tendo em vista a irregularidade do terreno e os prolongamentos das ruas da cidade, as fontes d'água determinaram as descidas terreno abaixo, configurando a maior parte das ruas criadas.

Os eixos de expansão respeitaram os arruamentos já existentes no final do século XIX e os bairros novos se localizaram no prolongamento dessas vias de expansão. Esta extensão da cidade provocou alguns de seus problemas atuais, porque alargou de maneira imprevista o seu tecido, dificultando a expansão da infra-estrutura e rareando a densidade nas vias que ligam o centro à periferia. Alguns pólos externos, como a Escola de Agronomia (atual *Campus II* da UFPB), atraíram edificações para sua proximidade, criando zonas híbridas, localizadas entre as propriedades rurais e a área urbana.

Todo o processo de desenvolvimento foi permeado pelas propriedades rurais e os limites da cidade também foram, de certa maneira, delineados por elas. A riqueza advinda da zona rural, com base predominantemente na economia açucareira e subsidiariamente no cultivo do café e gêneros alimentícios, possibilitou o desenvolvimento de Areia e a modernização de suas construções e espaços livres públicos nos séculos XIX e XX.

No século XX, o aumento da densidade populacional gerou formas de ocupação problemáticas para a estrutura urbana. Sendo o centro tradicional já fortemente consolidado desde o começo do século, a ocupação urbana intensificada a partir de 1950 instalou-se nas expansões atualmente visíveis e consolidadas, mas também se apropriou de glebas agrícolas e das encostas do terreno, modificando o processo linear de crescimento identificado nos séculos precedentes e transformando a tradicional relação entre a cidade a paisagem rural circundante. A ocupação de áreas impróprias para a edificação prossegue em ritmo acelerado, enquanto alguns loteamentos destinados à classe média procuram instalar-se em zonas mais afastadas do centro tradicional.

### **O processo de crescimento de Areia frente aos estudos urbanos brasileiros**

A dinâmica de desenvolvimento urbano identificada em Areia é emblemática para demonstrar características identificadas pelos estudiosos das cidades brasileiras. Por sua origem, Areia se assemelha aos "pousos" e "bocas de Sertão" (DEFFONTAINES, 1994), às cidades de penetração rumo a Oeste, às cidades de comércio e às cidades "longilíneas"

(SANTOS, 1968) ou “lineares” (MARX, 1980) e, ainda, ao conceito de cidade-rua (BIASE, 2001), característico da cidade luso-brasileira.

*A força da relação caminho/cidade é de tal ordem que certas cidades parecem ser tão-somente uma sucessão de estradas em torno das quais se organiza o tecido urbano. Em geral localizadas em sítios íngremes, essas cidades seguem as linhas de cumeeada, insinuam-se pelos vales, franqueiam desfiladeiros [...]. (PANERAI 2006, p. 18)*

Areia se estruturou a partir de uma rua principal, que até o presente ainda configura o eixo urbano mais importante, sendo um exemplo peculiar da cidade que se desenvolve longitudinalmente, serpenteando pelo relevo difícil e seguindo o caminho que nos primórdios serviu de passagem aos comerciantes e desbravadores do Sertão. Representa, portanto, a apropriação do território aos moldes da colonização portuguesa dos primeiros séculos, decidida e justificada pelo relevo (MARX, 1980, p.24) e rendida às condições e materiais locais para a constituição de um aglomerado urbano.

É bem verdade que há exceções a este modo de constituição de cidades no período colonial e há muito foi superada a idéia de que os portugueses produziram na Colônia apenas cidades espontâneas, sem nenhum planejamento (REIS, 2000; SOUSA & NOGUEIRA, 2008a, 2008b; DELSON, 1997; FLEXOR, 1989). Como bem sabemos os portugueses iniciaram, entre meados do século XVI e início do século XVII, um programa de criação e ampliação de cidades com desenho urbano regular na costa Norte e Nordeste do Brasil, como Salvador (1550) Filipéia (atual João Pessoa, em 1585) Natal em 1599, São Luís (1612) e Belém (1616).

No entanto, Areia, se observada frente aos casos registrados pelos historiadores da cidade brasileira, apresenta semelhanças justamente com os casos paradigmáticos de urbes que cresceram a partir de caminhos e estradas que promoveriam a ocupação do Sertão. Sua feição longilínea se identifica, por exemplo, com a de Serinhaém (PE) ou com arruamentos iniciais de cidades como Ouro Preto e Tiradentes (MG) (VASCONCELLOS, 1970; CAMPOS, 2006), denotando uma forma de apropriação do espaço muito peculiar, adaptada ao relevo e procedente de uma estrada, que direta ou indiretamente, determina

o seu crescimento. Identifica-se, ainda, com cidades fortemente influenciadas pelos elementos primários e pelo percurso-matriz, como Vassouras (RJ) (TELLES, 1968).

Observe-se que mesmo com uma arquitetura característica da produção urbana dos oitocentos, Areia se identifica com o aspecto geral das cidades do Brasil-Colônia. Mesmo após os bem sucedidos processos de criação de cidades de desenho regular nos séculos XVII e XVIII (DELSON, 1997; ARAÚJO, 1998; FLEXOR, 1989), persistiu, no século XIX, em muitas partes do Brasil, a formação de núcleos urbanos com as mesmas peculiaridades dos arraiais, vilas e cidades implantados em virtude da exploração de ouro em Minas Gerais e de cidades que cresceram a partir do incremento da cultura açucareira, implantadas em Pernambuco, Alagoas e Bahia. Areia é um evidente exemplar deste fenômeno urbano. E não se trata da ocorrência numa cidade localizada em região periférica, e sim em uma Província que já estava sendo ocupada desde o século XVI. Isso torna significativo o caso de Areia e de seu processo de desenvolvimento.

As edificações religiosas (MARX, 1991, pp. 42-43; 78-79; MARX, 2004, *passim*) e, com menor intensidade, as construções públicas tiveram significativa importância na estruturação do tecido urbano. Além destes elementos, não há regras, a não ser a da topografia e das barreiras naturais do sítio de implantação. Este estudo demonstrou como em Areia, cidade tratada de forma periférica nos estudos sobre núcleos urbanos coloniais, esse processo de implantação é explícito, tendo sido preservado até o século XXI.

Seu desenvolvimento econômico, bruscamente interrompido no final do século XIX, quando a cidade foi descartada dos caminhos ferroviários da Província, se identifica por fim, com processos de desenvolvimento de outras cidades, também influenciados pela exclusão econômica regional e ocupação urbana recente diferenciada do processo histórico tradicional, como Alcântara (MA) (PFLUEGER, 2007) e Tiradentes (MG) (CAMPOS, 2006)

Quanto à arquitetura, a cidade apresenta edificações modestas, em sua maioria, mas que em conjunto, apresentam forte unidade estilística e formal. As casas, predominantemente com implantação

tradicional (sem limites laterais e frontal), conservam o ritmo de esquadrias, a proporção dos vãos, a inclinação da cobertura e os elementos decorativos típicos da produção arquitetônica do século XIX. As tipologias de planta de alguns imóveis remanescentes encontram correspondentes nos modelos da arquitetura luso-brasileira colonial presentes nos autores consultados. A descaracterização de fachadas e plantas baixas, intensificada na segunda metade do século XX, prejudicou em alguns trechos de Areia a unidade formal e ocasionou a substituição eventual de parte do casario tradicional. No entanto, o caráter das construções ainda se identifica com a produção arquitetônica dos oitocentos.

Areia conserva a forma de seus edifícios, o traçado inicial de seu núcleo e assume, até o presente, o caráter urbano de sua fase mais próspera, que sobreviveu às ocupações recentes. A cidade aceita as intervenções recentes e as incorpora a seu desenvolvimento inicial, revelando uma adaptação contínua aos estratos superpostos e apostos. A diferenciação entre novo e antigo tecido reside em pequenas diferenças (forma da arquitetura, dimensões do lote e configuração das vias), reafirmando a unidade e homogeneidade do centro, frente à heterogeneidade das ocupações periféricas, algumas danosas à estrutura urbana, que precisam urgentemente ser contempladas por intervenções de planejamento e ordenamento urbano<sup>2</sup>.

É necessário, por fim, reafirmar a importância da cidade de Areia como patrimônio cultural brasileiro e como testemunho da construção da cidade no Brasil. Toda essa importância e a identificação com diferentes processos de configuração urbana e com outras formas de cidade, além da peculiaridade de sua morfologia, somente reafirmam a necessidade de inserir Areia no “mapa” dos estudos urbanos sobre a cidade brasileira.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Maurício de Almeida. “A apropriação do território no Brasil colonial”. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César; CORRÊA, Roberto (org.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.
- ALMEIDA, Horácio de. *Brejo de Areia: memórias de um município*. 2. ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1980.
- ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997. pp.169-175.

- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 3. ed. rev. João Pessoa: A União, 1980.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *O rio Mamanguape*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997. [fac-similar da publicação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais].
- ARAÚJO, Renata Malcher. *As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Porto: FAUP Publicações, 1998.
- AYMONIMO, Carlo. *Orígenes y desarrollo de la ciudad moderna*. Barcelona: Gilli, 1972.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/USP. Boletim nº208, 1956.
- CAJU, Náhya Maria Lyra, CAVALCANTI FILHO, Ivan. *O patrimônio arquitetônico de Areia: um inventário*. João Pessoa: Idéia, 2005.
- CÂMARA, Epaminondas. *Municípios e freguesias da Paraíba: notas acerca da divisão administrativa, jurídica e eclesiástica*. Campina Grande: Núcleo Cultural Português/Caravela, 1997. pp.58-111.
- CAMPOS, Hécio Ribeiro. *Transformações urbanas recentes em Tiradentes-MG: anos 80 e 90 do século XX*. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo.
- CANIGGIA, Giancarlo; MAFFEI, G. Luigi. *Il progetto dell'edilizia di base*. Venezia: Marsilio Editori, 1984.
- CAVALCANTI FILHO, Ivan; MOURA, José Eduardo de. *O patrimônio ambiental urbano de Areia*. João Pessoa: Idéia, 2003.
- COSTA, Lúcio. “Documentação necessária”. *Revista do IPHAN*, Nº1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, pp.93-96.
- DE CARLI, Emilio; SCATÀ, Elena (org.). *Antologia critica degli scritti di Saverio Muratori*. Firenze: Alinea, 1991.
- DEFFONTAINES, Pierre. “Como se constituiu no Brasil a rede das cidades”. *Boletim geográfico*. Rio de Janeiro, (14): 141-48; (15):299 -308, 1994.
- DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no século VXIII*. trad. e rev. Fernando de Vasconcelos Pinto. Brasília: Ed. ALVA-CIORD, 1997.
- FIÚZA, Alexandre Felipe *et al.* *Uma história de Areia*. João Pessoa: Universitária/ UFPB/ PRAC/ NDIHR, 1998.
- FLEXOR, Maria Helena. *Os núcleos urbanos planejados do século XVIII: Porto Seguro e São Paulo*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1989.
- GOITIA, Fernando Chueca. *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- GUERREIRO, Maris Rosália. “A lógica territorial na gênese e formação das cidades brasileiras: o caso de Ouro Preto”. Lisboa: Colóquio A Construção do Brasil Urbano, 2000. In: *Revista Urbanismo de Origem Portuguesa*. Nº 3: A construção do Brasil urbano. Dis-

<sup>2</sup> A Lei Federal nº. 10.257 (Estatuto da Cidade), em vigor desde 10 de outubro de 2001, que regulamentou os artigos 182 e 183 da Constituição Federal de 1988, trata da obrigatoriedade, até outubro de 2006, de elaboração do Plano Diretor para municípios com mais de 20.000 habitantes, integrantes de regiões metropolitanas de especial interesse turístico ou que estejam sob influência de empreendimentos de significativo impacto ambiental (para mais informações, cf. Lei Federal nº. 10.257/2001, especialmente o Capítulo III - Do Plano Diretor, Art. 41). Dados do Ministério das Cidades sobre a situação dos Planos Diretores das cidades brasileiras em 2009 apontam que, no caso de Areia, não há informações sobre o andamento do Plano Diretor (informações disponíveis em: <<http://www.cidades.gov.br>>. Acesso em: 18 jul. 2009). Sabe-se, entretanto, que sua elaboração já foi concluída, mas que o conteúdo do texto não contempla alguns dos capitais problemas da urbanização recente e da preservação do patrimônio natural e cultural da cidade, como a ocupação das escarpas do terreno, cotas muito baixas, ocupação total do lote tradicional, das zonas de preservação ambiental do entorno da cidade e das regiões com risco de alagamentos e deslizamento durante a estação chuvosa.

- ponível em: <[http://urban.iscte.pt/revista/numero3/artigos/artigo\\_11.htm](http://urban.iscte.pt/revista/numero3/artigos/artigo_11.htm)>. Acesso em 18 mai. 2008.
- IBARZ, Joan Vilagrassa. "El estudio de la Morfologia Urbana: una aproximacion". GEO crítica. Cuadernos críticos de geografía humana. Universidad de Barcelona. Ano XVI. N.92. mar. 1991. ISSN: 0210-0754.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Areia-PB". In: FERREIRA, J. P. (org.). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. XVII Vol. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. pp.192-200.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Areia-PB". Portal IBGE Cidades@. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 18 jul. 2009.
- KOSTOF, Spiro. The city assembled: the elements of urban form through history. London: Thames & Hudson Ltd, 1992.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002. 590p.
- LYNCH, Kevin. A boa forma da cidade. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MARIZ, Celso. Apanhados históricos da Paraíba. 2.ed. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1980.
- MARIZ, Celso. Cidades e homens. João Pessoa: Governo da Paraíba, 1985. pp.?
- MARX, Murillo. Cidade brasileira. São Paulo: Melhoramentos/ Edusp, 1980.
- MARX, Murillo. Cidade no Brasil, em que termos? São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MARX, Murilo. Cidade no Brasil terra de quem? São Paulo: Nobel/ Edusp, 1991.
- MARX, Murillo. Nosso Chão: do sagrado ao profano. São Paulo: Edusp, 2003.
- MARTINS, Carla Gisele Macedo Santos. Os primórdios da ocupação do Sertão dos Bruxaxás: três interpretações. Recife: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2007 (Monografia da Disciplina História da Cidade).
- MOREIRA, Emília *et al.*. "Estruturação do território municipal paraibano: na busca das origens". Cadernos do Logepa. Série Texto Didático. Nº 2, Ano 2. João Pessoa, mai-ago, 2003. pp. 1-13.
- MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 742p.
- PANERAI, Philippe. Análise urbana. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PFLUEGER, Grete. De Tapuitapera a Villa d'Alcantra: composição urbana e arquitetônica de Alcântara no Maranhão. Recife, 2002. 139p. 21 cm. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco.
- PFLUEGER, Grete. "Redes e ruínas". In: Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém: ANPUR, 2007.
- PIRENNE, Henri. "City Origins" and "Cities and European Civilization". In: LEGATTES, Richard T., STOUT, Frederic (ed.). The city reader. London: Richard T. Legattes & Frederic Stout, 1996. pp.38-45.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ROMERO, José Luis. América latina, as cidades e as idéias. trad. Bella Josef. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 424p.
- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Paulo F. Formação de cidades no Brasil colonial. Coimbra: V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1968.
- SILVA, Francisco Pereira da. "Planta da cidade de Arêa na Parahyba pelo 2º. Tenente do Imperial Colégio de Engenheiros Francisco Pereira da Silva em 1847". 1847. In: Arquivo do Exército. Rio de Janeiro. 1 mapa color.; 56,50cm x 38cm. 03.02.468.
- SILVA, Lúgia Osório. "Estratégias de ocupação territorial no Brasil e na Argentina na 2ª metade do século XIX". XIII Economic History Congress. Buenos Aires, 2002. Disponível em: <<http://eh.net/XIIICongress/Papers/Osorio.pdf>>. Acesso em 03 nov. 2007. 15h12.
- SITTE, Camillo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.
- SAARINEN, Eliel. The city: it's Growth, it's decay, it's future. New York: Reinhold, 1943.
- SOUSA, Alberto; NOGUEIRA, Helena de Cássia. "O plano de implantação da cidade da Parahyba (1585) – Parte I". Arqtextos. Nº. 093, fev. 2008, ISSN 1809-6298. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq093/arq093\\_03.asp](http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq093/arq093_03.asp)>. Acesso em 18 jul. 2009.
- SOUSA, Alberto; NOGUEIRA, Helena de Cássia. "O plano de implantação da cidade da Parahyba (1585) – Parte II". Arqtextos. Nº. 095, abr. 2008, ISSN 1809-6298. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq095/arq095\\_03.asp](http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq095/arq095_03.asp)>. Acesso em 18 jul. 2009.
- TEIXEIRA, Manuel. "A influência dos modelos urbanos portugueses na origem da cidade brasileira". In: ANAIS do IV Seminário de História da Cidade e do urbanismo/ Organização Denis e B. Pinheiro Machado. Rio de Janeiro, UFRJ/PROURB, 1996, pp. 572-83.
- TELLES, Augusto C. da Silva. "Vassouras: estudo da construção residencial urbana". Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 16. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ IPHAN, 1968. pp.9-136.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA PARAÍBA. Recuperação e revitalização do Sobrado/Casarão Solar José Rufino. João Pessoa: Coordenadoria de Comunicação Social do Poder Judiciário da Paraíba, 2007.
- VASCONCELLOS, Sylvio de. Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências. Rio de Janeiro: INL, 1970.

## **The process of urban development of Areia/PB: contribution to studies of morphology and urban history in Brazil**

Fernando Diniz Moreira, Carla Gisele M. Santos Martins Moraes

### **Abstract**

This article studies the origins and the shaping of Areia, Paraíba, Brazil, between the 18th and 20th centuries, from an urban morphology viewpoint. We argue that the Areia's pattern of growth corresponds to those of other cities of Colonial Brazil. These similarities can be found in their setting and urban form, particularly in their origins as stops along penetration routes, as a result of the merging of different and tiny settlements, or even in their decline caused by their exclusion from the railway networks. These analogies ratify the need to include Areia in the map of Brazilian urban studies.

*Keywords:* urban morphology, urban development, urban history.

## **El desarrollo urbano de Areia/PB: contribución a los estudios de morfología y historia urbana en Brasil**

Fernando Diniz Moreira, Carla Gisele M. Santos Martins Moraes

### **Resumen**

Este artículo estudia el proceso de formación y crecimiento de Areia, Paraíba, entre los siglos XVIII y XX, utilizando la Morfología Urbana. Creemos que el proceso de conformación y desarrollo de Areia, ciudad periférica, pequeña y ausente en los estudios de urbanismo colonial, está relacionado con el de otras urbes brasileñas, en la forma del lugar de implantación, la génesis desde la ruta de acceso o la unión de polos dispersos o en la exclusión económica de las redes de ferrocarriles. Esas analogías confirman la importancia de incluir Areia entre los casos comúnmente considerados por los historiadores urbanos brasileños.

*Palabras clave:* morfología urbana, desarrollo urbano, historia urbana.